

ANTÓNIO DE CABEDO — POETA NOVILATINO

AIRES PEREIRA DO COUTO

Este artigo retoma, no essencial, o primeiro capítulo da nossa dissertação de mestrado em Literatura Novilatina em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em Maio de 1990, trabalho para cuja elaboração muito contribuiu a superior orientação do Professor Doutor Américo da Costa Ramalho que, com o seu largo saber e experiência, sempre nos ajudou na dissipação das muitas dúvidas que foram surgindo.

Com a publicação deste artigo pretendemos contribuir para um maior e melhor conhecimento de um poeta novilatino um tanto esquecido, mas cuja poesia tem valor bastante para ser merecedora de uma maior divulgação e estudo. Assim, e apesar da escassez de dados acerca da vida deste poeta, facto que acontece com grande parte dos humanistas portugueses, começaremos por tentar estabelecer o seu itinerário biográfico.

ITINERÁRIO BIOGRÁFICO

António de Cabedo pertenceu a uma ilustre família de Setúbal, de que podemos destacar o seu tio D. Gonçalo Pinheiro¹, o seu irmão Miguel de Cabedo² e o seu primo Diogo Mendes de Vascon-

¹ D. Gonçalo Pinheiro (1490?-1567) estudou Cânones na Universidade de Lisboa e na de Salamanca. Foi sucessivamente bispo de Safim, de Tânger e de Viseu. Desempenhou também a função de embaixador na corte de França, onde foi notório o seu interesse pelas Humanidades. Para a obtenção de mais dados sobre D. Gonçalo Pinheiro, veja-se o nosso artigo «D. Gonçalo Pinheiro, Bispo de Viseu — breve roteiro de uma vida», *Beira Alta*, 49, fasc. 1 e 2, (1990) pp. 135-147.

² Miguel de Cabedo, filho de Jorge de Cabedo e de Teresa Pinheiro, nasceu em Setúbal em 1525 e faleceu em Lisboa, em Abril de 1577. Em 1538, chamado pelo seu tio D. Gonçalo Pinheiro, foi estudar para França, para o Colégio da Guiana em Bordéus, onde esteve dois anos. Entre 1540 e Maio de 1542 estudou na Universidade de Toulouse. Em 1542 regressou a Portugal e frequentou a Universidade

celos³, todos eles juristas ou canonistas de renome e os dois últimos também poetas novilatinos. Dos poetas desta família, o menos conhecido foi precisamente António de Cabedo, talvez por ter morrido com apenas 25 anos⁴ e também pelo facto de ter sido confundido com um sobrinho seu homónimo, filho de Miguel de Cabedo. Nesta confusão caíram, no século XVIII, Barbosa Machado na *Biblioteca Lusitana* e também António dos Reis e Manuel Monteiro, editores do *Corpus*, obra em oito volumes que reúne vários poetas novilatinos portugueses e em cujo 1.º volume (pp. 449-505) se encontra a obra atribuída a António de Cabedo, precedida de uma *Vita Antonii de Cabedo Cetubalensis*.

Barbosa Machado apresenta, pela primeira vez, uma pequena biografia de António de Cabedo, de que transcrevemos as primeiras linhas:

«António de Cabedo natural de Setúbal, illustre ramo da antiqua, e igualmente douta família dos Cabedos, filho de Miguel de Cabedo Fidalgo da Casa Real, e vereador de Lisboa, de quem

de Coimbra. Volta a França em 1545, onde estudou Direito Canónico na Universidade de Paris e se licenciou em Direito Civil na Universidade de Orléans em 1548. Regressado a Portugal, ainda em 1548, entra na magistratura, vindo a doutorar-se em Leis, em 1559, na Universidade de Coimbra.

Desempenhou, a partir de Março de 1565, o cargo de desembargador da Casa da Suplicação e, a partir de Julho de 1575, o de desembargador dos Agravos. Em 1571 foi um dos membros da alçada enviada por D. Sebastião a Entre Douro e Minho e à Beira; foi ainda nomeado por D. Sebastião membro de um triunvirato instituído para o governo económico da cidade de Lisboa.

A sua obra poética foi publicada pelo seu filho Gonçalo Mendes de Vasconcelos que lhe juntou uma *Vita* do pai no final da edição de 1597 do *De antiquitatibus* de André de Resende. Os seus versos, com um resumo da *Vita* e algumas cartas, foram reimpressos no vol. I do *Corpus illustrium poetarum lusitanorum qui latine scripserunt...*, editado em 1745 por António dos Reis e Manuel Monteiro.

Barbosa Machado na sua *Biblioteca Lusitana*, Coimbra, Atlântida Editora, 1965-1967, vol. III, p. 468 diz, a respeito de Miguel de Cabedo:

Foy insigne Poeta latino admirando-se nos seus versos a elegância, suavidade, e cadência dos primeiros corifeos desta divina Arte.

³ Diogo Mendes de Vasconcelos (1523-1573), filho de Beatriz Pinheiro e de Gonçalo Mendes de Vasconcelos, foi canonista, cônego de Évora e inquisidor da Fé. A sua produção literária abrange desde a biografia do tio, a *Vita Gondisalvi Pinarit, Episcopi Visensis* e a sua própria, a *Vita Iacobi Menoetii Vasconcelli ab ipso conscripta*, até à poesia vária. Sobre Diogo Mendes de Vasconcelos e nomeadamente sobre a sua obra de poeta novilatino, veja-se José Galdes Freire, *Obra Poética de Diogo Mendes de Vasconcelos*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1962.

⁴ Cf. Barbosa Machado, *op. cit.*, vol. I, p. 227.

em seu lugar faremos menção, e de D. Leonor Pinheiro de Vasconcellos filha de Gonçalo Mendes de Vasconcellos descendente dos Senhores do Morgado de Esporão.» ⁵

Esta biografia foi aproveitada pelo Padre Manuel Monteiro para a elaboração da acima referida *Vita Antonii de Cabedo Cetubalensis* que principia assim:

«Antonius de Cabedo inter egregios, quos tulit Cetobriga Viros, haud immerito annumerandus; imo si eius meriti par data esset uita, forsitan non ille tantum maioribus aequalis, sed multo illustrior, atque etiam honoratior foret. Igitur Cetobrigae natus, filius fuit Michaelis de Cabedo Regii Senatoris, ac Ciuitatis Vlyssiponensis gubernandae triumuiris adscripti. Eius mater Eleonora Pinheira de Vasconcellos fuit etiam inter nobiles matronas sui temporis uirtute singulari, ac morum grauitate incredibili.» ⁶

(António de Cabedo deve merecidamente ser incluído entre os homens ilustres que Setúbal produziu, pois se lhe tivesse sido concedida uma vida de acordo com os seus méritos, teria, porventura, sido não apenas igual aos seus antepassados, mas muito mais ilustre e até muito mais digno de honras. Assim, nascido em Setúbal, foi filho de Miguel de Cabedo, senador do rei e um dos triúnviros que administravam a cidade de Lisboa. A sua mãe, Leonor Pinheiro de Vasconcelos, foi, também ela, entre as mulheres do seu tempo, famosa pela sua singular virtude e pela sua admirável gravidade de costumes.)

Este equívoco, que tentaremos desfazer, fez com que alguns estudiosos modernos, seguindo a opinião de Barbosa Machado e devido à ausência de qualquer biografia real de António de Cabedo filho de Miguel de Cabedo, incidissem no erro de atribuir ao filho de Miguel e não ao irmão a autoria da obra poética editada sob o nome de António de Cabedo no *De antiquitatibus* de André de Resende, edição de 1597 (a de 1593, editada em Évora, não a inclui) pp. 515-576 e no já referido *Corpus* pp. 449-505. ⁷

⁵ *Ibid.*, vol. I, pp. 226-227.

⁶ *Corpus*, pp. 443-444.

⁷ Encontrámos também um outro epigrama de António de Cabedo na obra de Pedro Fernando, *Doctrinarum scientiarumque omnium commendationem oratio*

Em 1948, o Professor Mário Brandão aflorou este problema numa nota de rodapé do seu livro *A Inquisição e os professores do Colégio das Artes*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1948, Tomo I, p. 378, onde, a propósito das composições atribuídas a António de Cabedo filho de Miguel de Cabedo e de Leonor Pinheiro de Vasconcelos, diz:

«Porém, certamente, se não todos pelo menos parte dos versos são da autoria de seu tio e homónimo. Assim, por ex., o *In Interitum D. Ioannis Lusitaniae Principis Epicedium*, no *Corpus*, t. I págs. 450 a 458, deve ter sido escrito próximo da data do passamento do príncipe em 2 de Janeiro de 1554. Ora, se porventura o filho de Miguel de Cabedo já era nascido naquela data, não passaria ainda de criança de tenra idade.»

Mais recentemente, o Professor Américo da Costa Ramalho abordou esta questão e foi peremptório na sua afirmação:

«Mas o autor dos versos que em nome de António de Cabedo se encontra no C.I.P.L., vol. I pp. 449-504 é bem o irmão, e não o filho, de Miguel de Cabedo. Exceptuo o último epigrama na p. 505, a saber, *Epigramma pro foribus affixum in templo S. Antonio Vlysipponensi consecrato, die natalitio Romae anno MDXCVI* que Jorge de Cabedo no *De Patronatibus ecclesiarum regiae coronae regni Lusitaniae*, Lisboa, Jorge Rodrigues, 1602, p. 158, diz ser da autoria de seu irmão Gonçalo Mendes de Vasconcelos.»⁸

apud uniuersam Conimbricam Academiam, Conimbricae, 1550. Por pensarmos que se trata de um epigrama até agora desconhecido, vamos transcrevê-lo:

«Antonius Cabedius lectori
Nunc primum eloquio Musas, nunc denique mixtum
Vergilium magno cum Cicerone uides?
Et quondam Aonio doctae post fulmina linguae
Silius Ausonium perluit imbre forum.
Doctas ergo animas et saecula nostra sub uno
pectore uiderunt delituisse duas.»

⁸ In «Dois epigramas latinos de António de Cabedo» Separata do número especial do *Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra* (Estudos em homenagem aos Professores Manuel Paulo Merêa e Guilherme Braga da Cruz), Coimbra, 1983, p. 4. (Sempre que voltarmos a citar este estudo, fá-lo-emos com a indicação *art. cit.*).

Mais recentemente, o Prof. Américo da Costa Ramalho inseriu este interessante estudo na sua obra *Para a História do Humanismo em Portugal*, I, Coimbra, INIC, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1988, pp. 75-85.

Antes de nos debruçarmos sobre a obra atribuída a António de Cabedo e a problemática que a rodeia, voltemos um pouco atrás e tentemos estabelecer a biografia de António de Cabedo, irmão de Miguel.

Do casamento de Teresa Pinheiro, irmã de D. Gonçalo Pinheiro, com Jorge de Cabedo, filho de Diogo de Cabedo, nasceram: Manuel de Cabedo, Diogo de Cabedo, Miguel de Cabedo, Frei João Pinheiro, António de Cabedo e Leonor Pinheiro ⁹.

De António de Cabedo não se sabe o dia em que nasceu, mas não há dúvidas de que é mais novo do que João Pinheiro, nascido por volta de 1520 ¹⁰ e do que Miguel, nascido em Setúbal em 1525 ¹¹, pois só alguns anos após eles iria para França como estudante do Colégio da Guiena.

Sabe-se que João Pinheiro, Miguel de Cabedo e Diogo Mendes de Vasconcelos, primo dos dois primeiros, chegaram a Baiona, chamados pelo tio, D. Gonçalo Pinheiro, nos inícios de Outubro de 1538, tendo, poucos dias depois, sido enviados como internos para o Colégio da Guiena onde estudaram durante dois anos ¹². Por volta de Outubro de 1540, foram enviados pelo tio para a Universidade de Toulouse para cursarem leis. Aí permaneceram apenas Diogo e Miguel pois não tardou muito que João Pinheiro, por razões não totalmente claras, abandonasse a universidade para se consagrar à vida religiosa, professando na ordem de S. Domingos ¹³.

Em 12 de Julho de 1542, Francisco I declarou guerra a Carlos V e D. Gonçalo Pinheiro resolve então voltar a Portugal visto que Baiona se encontrava em plena zona de guerra. Chama os dois sobrinhos e com eles inicia a viagem de regresso a Portugal em Agosto do mesmo ano; mas já próximo da fronteira com Portugal, em Dezembro do referido ano, D. Gonçalo é nomeado embaixador na corte francesa, vendo-se assim obrigado a regressar a França. Os seus sobrinhos prosseguiram viagem sozinhos para Portugal pois Teresa, mãe de

⁹ Cf. Manuscrito 660 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, pp. 214-215.

¹⁰ Vd. Mário Brandão, *op. cit.*, p. 345.

¹¹ Cf. «Vita Clarissimi uiri Michaelis Cabedii» in André de Resende, *De antiquitatibus Lusitaniae...*, Romae, apud Bernardum Basam, 1597, p. 394.

¹² Cf. Mário Brandão, *op. cit.*, pp. 348-349.

¹³ Cf. *ibid.*, pp. 354-355.

Miguel, desejava revê-lo. Estes chegaram a Setúbal em 18 de Dezembro de 1542¹⁴. Em Março do ano seguinte ambos se encontravam em Coimbra para se matricularem na Universidade¹⁵.

Só no início da Primavera de 1543 é que D. Gonçalo voltou a França, acompanhado agora de outro sobrinho, António de Cabedo, a quem provavelmente teria, entretanto, chamado de Portugal para Medina del Campo, no centro de Espanha, local onde D. Gonçalo se manteve após a sua nomeação de embaixador na corte francesa, preparando o seu retorno a França¹⁶. Chegado à corte, envia o sobrinho para Bordéus, para o Colégio da Guiena onde passou 3 anos, instalado nos aposentos de João da Costa, e onde frequentou o curso de Artes. De facto, encontramos, numa relação de alunos do Colégio que terminaram os cursos entre 1540 e 1546, o nome de António de Cabedo¹⁷.

Em 1546, António de Cabedo já se encontrava em Paris. É o que se deduz da sua declaração no depoimento relativo ao processo, na Inquisição, de Mestre João da Costa, prestado em 3 de Setembro de 1550, onde se pode ler:

f^{to} pergunta se sabya Alguuã / p^a ou p^{as} q̃ Agora Ao presente / ou Nos tempos pasados fizesem / ou disesem Alguuã cousa q̃ / fose cont^{ra} nosa santa ffee // Catholyca ou cōt^{ra} o q̃ tem a sãta / Madre Jg^{re}Ja dise q̃ nã sabya / Nada de nhuuã pessoa l som^{te} q̃ estão / elle em paris avera quat^{ro} Annos pouco / mais ou menos ouuyo dizer A alguũs / mocos dos p̃tugeses q̃ estauão No / collegio de santa barbora¹⁸

Aí se encontrariam provavelmente já Miguel de Cabedo e Diogo Mendes de Vasconcelos vindos de Orléans onde frequentaram os estudos jurídicos já que não havia, na Universidade de Paris, Faculdade de Direito Civil em obediência à proibição decretada em 1219 por Honó-

¹⁴ Cf. «Vita Iacobi Menoetii Vasconcelli ab ipso conscripta» in André de Resende, *De antiquitatibus Lusitaniae...* Évora, 1593, liv. 5, p. 4.

¹⁵ Cf. Mário Brandão, *op. cit.*, p. 358.

¹⁶ *Ibid.*, p. 359.

¹⁷ *Ibid.*, p. 368.

¹⁸ Id., *O processo na Inquisição de Mestre João da Costa*, Coimbra, 1944, p. 46.

rio III ¹⁹. Note-se que Miguel de Cabedo e seu primo Diogo, chamados por D. Gonçalo Pinheiro, abandonaram a Universidade de Coimbra e foram ter com ele a Ruão, em Junho de 1545 ²⁰.

Em Paris, os 3 sobrinhos de D. Gonçalo viveram no Colégio de Santa Bárbara, nos aposentos de Mestre Sebastião Rodrigues, mas também moraram algum tempo em casa de um bedel da Faculdade de Cânones onde tiveram por companheiro D. Lopo de Almeida ²¹.

Miguel e Diogo estudaram na Universidade de Paris Direito Canónico, tendo sido discípulos do famoso professor Pedro Rebuffe ²².

Quanto a António, também deve ter estudado Direito Canónico pois o seu nome figura no *Catalogus attestationem temporis studii* da Faculdade de Direito de Paris com data de Abril de 1551: «Antho-nius de la (sic) Cabedo Ulisbonensis pro biennio». (Cf. Arch. Nat., MM 1052, «Mémoires de la Faculté de Droit de Paris», fl. 175 v) citado por Luís de Matos, *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*, Coimbra, por ordem da Universidade, 1950, p. 99. Durante os estudos em Paris, Miguel, António e Diogo, provavelmente por influência de Frei João Pinheiro que nutria um certo ódio em relação aos mestres bordaleses ²³, fizeram comentários sobre a ortodoxia dos referidos mestres. Isto deduz-se das afirmações feitas perante a Inquisição, no processo de Mestre João da Costa em 1550, por Diogo de Gouveia, o Velho ²⁴, e por Sebastião Rodrigues ²⁵.

¹⁹ Vd. id., *op. cit.*, 1948, vol. I, pp. 374-376.

²⁰ Cf. «Vita Iacobi Menoetii Vasconcelli» in *op. cit.*, liv. 5, p. 4.

²¹ Cf. Mário Brandão, *op. cit.*, 1944, pp. 200 e 339.

²² Cf. «Vita Iacobi Menoetii Vasconcelli» in *op. cit.*, liv. 5, p. 4.

²³ Em relação às causas do ódio de Frei João Pinheiro para com os mestres bordaleses, veja-se Mário Brandão, *op. cit.*, 1948, vol. I, p. 351 e sgs.

Das suas duas passagens por Bordéus, Frei João Pinheiro guardou más recordações, pois de ambas as vezes foi vítima de punições dos mestres.

Da primeira vez acusaram-no de graves infracções à disciplina escolar; da segunda, os mestres Diogo de Teive, João da Costa e Jorge Buchanan não só aludiram ao seu pouco aproveitamento como aluno, como também afirmavam que se tinha tornado frade mais para levar uma boa vida do que por devoção.

²⁴ Vd. Mário Brandão, *op. cit.*, 1944, pp. 6 e 197, onde Diogo de Gouveia, o Velho, afirma que ouvira dizer aos sobrinhos do Bispo de Tânger, Frei João Pinheiro, Miguel e Diogo, que os lentes eram suspeitos na fé e que, por isso, não queriam com eles conviver.

Estas declarações levaram os inquisidores, como veremos adiante, a mandarem citar Miguel, António e Diogo que, no entanto, não confirmariam as palavras que ambos os teólogos lhes atribuíram.

Nos fins de Junho de 1548, D. Gonçalo Pinheiro resolve voltar a Portugal, depois de dez anos de ausência. Com ele regressaram D. Francisco de Noronha, seu antecessor na embaixada francesa, e os seus sobrinhos Miguel, Diogo e António²⁶. Embora as *Vitae* de Diogo Mendes de Vasconcelos e de Miguel de Cabedo não se refiram ao regresso de António, aliás, estranhamente, o seu nome nunca aparece mencionado nas citadas obras, a verdade é que não há qualquer dúvida de que António em 1548 já se tinha estabelecido em Coimbra, pois no seu depoimento prestado na Inquisição a 3 de Setembro de 1550, refere ter pedido emprestado, em Coimbra, haveria dois anos, a Mestre Jorge Buchanan, um livro de versos para dele copiar uns que ele fizera sobre um Salmo de David²⁷.

O Professor Mário Brandão põe a hipótese, bastante crível, de António de Cabedo se ter separado do grupo na passagem por Coimbra, em Outubro, ou talvez nos princípios de Novembro, para aí continuar os estudos²⁸.

Em 16 de Dezembro de 1549 encontramos António de Cabedo a votar numa oposição à cadeira de Instituta, na Universidade de Coimbra, em que saiu vencedor João Moreno²⁹. Em 20 de Fevereiro de 1550 também votou na oposição a uma cadeira de Instituta³⁰.

Um assentamento de 28 de Fevereiro de 1551, feito no livro de *Autos e Graus* da Universidade de Coimbra prova que António de Cabedo frequentou um curso de Instituta e outro de Cânones, concluídos em Julho de 1550; tendo, ao mesmo tempo, dado prova de um curso de Artes através de «hua certidão do doctor Y da Costa

²⁵ Vd. *ibid.*, pp. 10 e 200. Este disse que ouvira dizer a Frei João Pinheiro, aos seus dois irmãos, Miguel e António, e ao primo Diogo que João da Costa, Diogo de Teive e Jorge Buchanan eram suspeitos na fé, o que o levava a afastar-se do convívio com tais lentes.

²⁶ Cf. «Vita Gondisalui Pinarii Episcopi Visensis» Iacobo Menoetio Vasconcello Auctore, publicada em André de Resende, *op. cit.*, 1597, pp. 346-347.

²⁷ Cf. Mário Brandão, *op. cit.*, 1944, p. 46.

²⁸ Vd. *id.*, *op. cit.*, 1948, vol. I, p. 382.

²⁹ Vd. *id.*, *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557*, Coimbra, 1941-1969, vol. II, parte I, p. 181 e Francisco Leitão Ferreira, *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1937-1956, vol. III, 2.^a parte, p. 967.

³⁰ Mário Brandão, *ibid.*, p. 197.

principal que foi do collegio»³¹. Em relação a este curso de Artes, o Professor Mário Brandão afirma:

«O facto deste curso ser provado mediante certidão e não por testemunhos de colegas, e registado fora da secção reservada no livro respectivo às provas de artes, e juntamente com as de instituta e cânones, afigura-se-nos indício de o não ter frequentado no Colégio das Artes de Coimbra, mas no de Bordéus.»³²

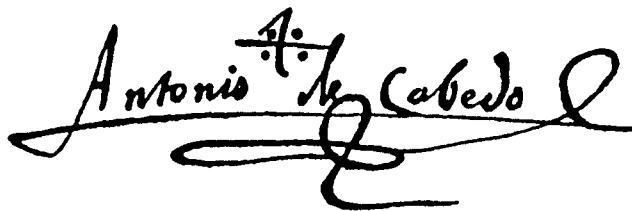
A 3 de Setembro de 1550, António de Cabedo aparece-nos como inquirido nos processos da Inquisição sobre os Mestres João da Costa, Diogo de Teive e Jorge Buchanan, onde, interrogado sobre:

se sabya Alguuã / p^a ou p^{as} q̃ Agora Ao presente / ou Nos tempos
pasados fizesem / ou disesem Alguuã cousa q̃ / fose cont^{ra} nosa santa
ffee // Catholyca ou cōt^r o q̃ tem a sãta / Madre Jg^{re}Ja dise q̃ nō
sabya / Nada de nhuuã pesoa | som^{te} q̃ estãdo / elle em paris avera
quat^{ro} Annos pouco / majs ou menos ouuyo dizer A alguũs / mocos
dos p̃tugeses q̃ estauão No / collegio de santa barbora q̃ hos / de
bordeos erão homẽs q̃ Nom sentiaõ / bem da ffee & q̃ tambem

³¹ Tomo IV, Liv. I, fl. 44.

*ant^o de Cabedo prouu ter cursos ff. hum darte p hum
de insti tuto p on tro de cano nes. q se acabarã p o llo fultio de
p b l e n p d u cursos darte ap resen tou lma artidã do dalor
y da o sta prin cipãl q foi do collegio p f rã m a p fã d u d i s
d u n e cursos d m a r t e l a n p r e a p y d e p o l m a*

No canto inferior esquerdo da fl. 44 pode ver-se a assinatura de António de Cabedo:



António de Cabedo

³² Op. cit., 1948, vol. I, pp. 386-387.

dezyão / Jsto por os do collegio de bordeos | / sem falarem em
 nhuia p^a particularm^{te} / & q̃ lhe nõ lembra os Nomes / destes
 moços | E *preguntado* se conhecia / A m^{te} Joam da costa & a
 m^{te} d^o de / teiue & a m^{te} Jorge buquenano dise / q̃ sy | & q̃ com
 m^{te} Joam da costa esteue / em bordeos tres Annõs das p̃tas adent^{ro} /
 & q̃ d^o de teiue conheço tanbem / em bordeos & em coJmbra
 & q̃ delle / nõ tinha out^{ro} conhecy^{to} senão / ffalaremse quãodo
 se topauão & q̃ / m^{te} Jorge buquenano tanbem conheço em / bor-
 deos de v^{ta} & em coJmbra ffalou / m^{tas} vezes cõ elle em cousas
 de / letras *Item* *preguntado* se Algũa vez / A estes homes lhe ouuyo
 dizer ou fazer / Alguia cousa cõt^{ra} nosa santa // ffee ou cõt^{ra} o q̃
 tem A santa / Madre Jg^{re}Ja semdolhe declarado / Alguuãs propo-
 sycoẽs lutheranas / dise q̃ nunca lhe ouuio dizer / Nem fazer cousa
 nhuia cont^{ra} / a ffee Nem cõt^{ra} o q̃ tem A sãta / madre Jg^{re}Ja Nem
 de nhuia das *proposycoes* lutheranas q̃ lhe fforão / declaradas | E
 lhe foy lydo & de/clarado o Referim^{to} Atras & *por* / elle t^a foy dito
 q̃ nõ sabya majs q̃ / dizerlhe seu Jrmão frey Jm^o pinh^{ro} / pasamdo
 por bordeos vymdo de tolosa / *per^a* paris q̃ se guardase da comver-
 sação / dos m^{tes} do collegio de bordeos | mas / q̃ aq̃le tempo Nõ eram
 m^{tes} m^{te} Joam / da costa Nem m^{te} d^o de teiue | Nem / buquenano /
 & q̃ lhe parece q̃ o dezya / pellos françeses | & p̃ aver pouco / tempo
 q̃ huũ m^{te} em Artes q̃ lya / No dito collegio de bordeos françes / ser
 ahy queymado p̃ lutherano | E / dise majs elle t^a q̃ pedimdo em
 coJmbra / huũ dia avera dous Annõs huũ lyu^{ro} / de *versos* empre-
 tado a m^{te} Jorge buquenano / *per^a* tresladar delle huũs *versos* q̃
 fez / sobre huũ psalmo de dauid. | no dito / lyu^{ro} domde tirou estes
versos lemdoo // Achou out^{os} nõ sabe elle t^a se os / fez o dito m^{te}
 Jorge buquenano se / quem os q̃es dezyão desta man^{ra} | / vix datus
 est tumulus codrum si rere fuisse / forte lutheranum falere pauper
 erat | hos / q̃es querem dizer q̃ se *porvemtura* cuy/das q̃ A codro
 se negou sepultura / por ser lutherano emganaste foylhe / Negada
 por pobre | & q̃ out^{ra} cousa / Nõ sabya | E q̃ todo o tempo q̃ elle
 t^a / esteue em bordeos vyo os sobre ditos / hyr A misa & JeJuar
 os dias de obrigacã / q̃ se JeJuauão no collegio & vya q̃ lhe / dauão
 a p̃cão da çea com a do Jantar / Juntam^{te} & q̃ A noyte os nõ
 vya / çear nem aparato de çea | No lugar / omde se costumaua comer
 & q̃ elle t^a / pousaua com o dito m^{te} Joam da costa / & q̃ Nunca
 o vyo çear nos dias / de JeJum & al não dise & do costume / dise o
 q̃ dito tem | & q̃ aJmda oJe / em dia deue a m^{te} Joam da costa /
 vymte escudos do tempo q̃ esteue / com elle em bordeos | E lhe

foy / mãdado sob carego do Juram^{to} ã tenha / segredo No ã asy tem
testemunhado / Ant^o Rojz o sþvy

frei hieronjmo Antonio de Cabedo Ambrosius //
dazambuja ³³

Paralelamente aos estudos, António de Cabedo seguiu a carreira eclesiástica e em Setembro de 1550 era já clérigo de ordens sacras ³⁴, e prior da Igreja do Salvador da Trofa ³⁵.

A 12 de Março de 1552, recebeu ordens de Evangelho, como se pode confirmar pelo documento Ordenações Sacerdotais (de 1546 a 1552) existente no Arquivo da Universidade de Coimbra onde se pode ler:

«t^o das ordẽs que se Derão polo dito bpõ dom fr^{co} p^{er}
comissão & mãdado do dito snnoñ em sabado das 4^o tporas
de cimza a doze de março do anno de 1552 em São
iheronimo» (fl. 32)

³³ Mário Brandão, *op. cit.*, 1944, pp. 46-47.

³⁴ É apresentado como tal no processo da Inquisição de Mestre João da Costa (vd. Mário Brandão, *op. cit.*, 1944, p. 46), onde se pode ler: «Ant^o/ de cabedo sobrinho do sor bpo de tangere / clerigo de ordẽs sacras».

³⁵ Pinho Leal, no seu dicionário *Portugal antigo e moderno*, Lisboa, 1874-1890, vol. IX, pp. 749-750, cita uma certidão existente no Arquivo do Cabido de Coimbra onde o tabelião José Monteiro Soares diz que o cônego cartonário do cabido de Coimbra lhe apresentara um caderno de quarto, contendo o seguinte:

«N^o 110 = Jesus = Livro do tombo da Igreja do Salvador da Trofa, e cousas que a elle pertencem e são da dita Igreja — Anno do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e cincoenta annos, aos desanove dias do mez de Setembro do dito anno, em o logar de Cristovães, termo da villa da Trofa, e às portas das casas de Domingue Annes, hi morador, Juis Ordinario por Elle-Rei Nosso Senhor, ho presente anno em a dita villa e termo, logo hi presente o dito Juis apareceo Manoel Alvres Crelligo de Missa e Cura da Igreja do Salvador da Trofa, em nome de António de Cabedo Priol da dita Igreja, requeria ao dito Juis que lhe fizesse Tombo das propriedades e cousas que pertenciam à dita Igreja do Salvador, conforme a constituçam do Senhor Bispo de Coimbra, e mandasse hi vir as pessoas que trasião os passões e propriedades ho que pagavam à Igreja do Salvador, e por seu juramento decrarassem o que pagavam...»

Esta certidão, para além de nos informar que António de Cabedo já era prior de Salvador da Trofa em 19 de Setembro de 1550, permite-nos concluir que António de Cabedo não estava radicado na Trofa do Vouga.

O manuscrito 1311 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, na fl. 107, atribui a obtenção do priorado da Trofa por António de cabedo, à influência do seu cunhado João Gomes de Lemos, Senhor da Trofa, casado com sua irmã Leonor de Cabedo. (Vd. A. Costa Ramalho, «Sobre os Cabedos, Poetas Novilatinos», *Humanitas*, XXXIX-XL, Coimbra, 1987-1988, pp. 289-290.)

Ao serem referidos os que receberam ordens de Evangelho aparece-nos:

«Item antº de cabedo fº de jorge de Cabedo & de tareja pinh^{ra} m^{es} em Setuual prior do Salvador da trofa deste bpdo evangelho» (fl. 33 v)

No mesmo documento do bispado de Coimbra pode ainda ler-se:

«tº das ordeões que deu nesta cydade no colégio de Saõ domíguos o bpõ dom äbrosio a xbj dias do mes dabríl em Sabado vespora de pascoa do anno de quinhêtos & cimcoêta & dous per especial comisaõ & m^{do} em escrito do R^{mo} Sõr dom Joaõ Soarez bpõ da mesma conde darguanil» (fl. 35)

tendo sido concedidas a António de Cabedo, em 16 de Abril de 1552, as ordens de missa nos seguintes termos:

«Item antº de Cabedo prior do Salvador da Trofa fº de iorge de cabedo & tareja pinheira m^{es} em lixª tomou no dito dia ordões de missa» (fl. 35)

O Professor Mário Brandão cita os apontamentos que serviram de base a este último assento, pelos quais se confirma a paternidade de António de Cabedo ³⁶.

Em Julho de 1552, António de Cabedo terminou mais dois cursos de Cânones, conforme se pode provar pelo assento de 17 de Outubro do livro de *Autos e Graus* de 1552 do Arquivo da Universidade de Coimbra ³⁷.

A 15 de Fevereiro de 1554 encontramos António de Cabedo a votar de novo numa oposição para lente substituto da cadeira de Código (cf. Mário Brandão, *Actas dos Conselhos da Universidade*, vol. II, parte II, p. 187).

No dia 21 de Fevereiro de 1554 vota na oposição para lente substituto de uma catedrilha de Cânones, a que concorreram Luís de Castro Pacheco e António de Carvalho, e de que saiu vencedor o primeiro (cf. *ibid.* p. 200).

Em 17 de Maio de 1554, António de Cabedo encontrava-se na relação dos alunos que deveriam prestar provas para a obtenção do

³⁶ Vd. *op. cit.*, 1948, vol. I, p. 386.

³⁷ Tomo IV, liv. 3, fl. 82v.

grau de bacharel em Cânones e Leis. Nesta relação, a António de Cabedo coube por sorte o 22º lugar (cf. *ibid.*, p. 225).

Finalmente, no dia 18 de Julho de 1554, António de Cabedo fez exame para bacharel em Cânones na sala dos paços d'el-Rei, na presença do Senhor Doutor Martim de Azpilcueta, lendo «o cap. n ad monasterium in nec estimet de statu monacorum». Tendo sido aprovado «nemine discrepante», recebeu, no mesmo dia, o respectivo grau, tendo sido padrinho o Doutor Martim de Azpilcueta e testemunhas «os doctores Bertolomeu Phelipe e Y de Morgovejo»³⁸.

Terminam com este documento as referências a António de Cabedo, o que nos leva a concluir que ele não terá vivido muito mais tempo para além desta data. Sendo assim, podemos, com o Professor Américo da Costa Ramalho, apontar a data do seu nascimento entre 1530 e 1532 e a da sua morte 25 anos depois, ou seja, entre 1555 e 1557. Para o estabelecimento destas datas o Professor Américo da Costa Ramalho apresentou o argumento da ausência, nos versos de António de Cabedo, de qualquer epitáfio à morte de D. João III, falecido em 11 de Junho de 1557, o que contraria um hábito dos poetas da época, dados a epitáfios metrificadas³⁹. Esta ausência é de facto importante, sobretudo se tivermos em conta que o poeta apresenta na sua obra quatro epitáfios para o príncipe D. João, além de outros dedicados ao próprio pai e ao seu irmão Manuel.

A este argumento podem ainda acrescentar-se dois outros. O primeiro diz respeito à data da ida de António de Cabedo para o Colégio da Guiena, em 1543. Se tivermos em conta que o seu irmão Miguel, nascido em 1525, foi para lá em 1538, ou seja com 13 anos, é bem provável que António tenha ido com a mesma idade. Se tal aconteceu, 1530 teria sido o ano do seu nascimento.

O segundo argumento diz respeito à data em que lhe foram concedidas as ordens de missa, 16 de Abril de 1552. De facto, para lhe serem concedidas tais ordens, António de Cabedo teria com certeza mais de vinte anos, talvez vinte e dois, o que nos levaria novamente a apontar o ano de 1530 como sendo o do seu nascimento.

Estes dois dados vêm reforçar a opinião do Professor Américo da Costa Ramalho que, como vimos, aponta 1530-1532 e 1555-1557 como datas respectivamente do seu nascimento e da sua morte. Con-

³⁸ Vd. *Autos e Graus*, t. 5, liv. 1, fl. 50v. (Vide a fotocópia do respectivo documento na fig. 1).

³⁹ Cf. *art. cit.*, p. 8.

cordando com estas datas, apontaríamos, no entanto, de acordo com o que acabámos de ver, 1530 e 1555 com sendo as datas mais prováveis.

Quanto ao local da sua morte, não parece haver dúvidas, como já referiu o Professor Américo da Costa Ramalho ⁴⁰, de que ele veio morrer a Setúbal. É o que se pode deduzir duma elegia à morte de António de Cabedo composta por Inácio de morais e intitulada: *In interitum Antonii Cabedii celeberrimi poetae, Ignatii Morales Elegia*, publicada na edição de 1597 do *De antiquitatibus*, pp. 568-570. Os seis primeiros versos da referida elegia dizem:

«Supremum ergo diem Antoni doctissime obisti
Praesecuitque annos parca seuera tuos;
Et uix permisit primam excessisse iuuentam,
Laudique inuidit nominis illa tui.
Atque hoc illud erat, quod tanto ardore cupisti
Dulcia materni uisere tecta poli.»

(Morreste, ó doutíssimo António, e a Parca cruel cortou os teus anos; ela mal permitiu que tu ultrapassasses o começo da juventude e invejou a glória do teu nome. E esta era a razão por que, com tanto ardor, desejaste visitar os doces tectos do céu materno.)

Apesar da grande diferença de idades entre António de Cabedo e Inácio de Moraes — este já obtivera o grau de Mestre em Artes em 1530 e fora professor famoso de Latinidade — foram colegas na Universidade de Coimbra, Inácio aluno da Faculdade de Leis, António aluno da de Cânones, cujos cursos eram paralelos. Este encontro foi possível porque em 1548, Inácio de Moraes, que ambicionava uma profissão mais lucrativa, começou a frequentar a Faculdade de Leis, onde viria a obter o grau de Bacharel em 25 de Julho de 1554 ⁴¹.

Para além de colegas, devem ter sido amigos, como se pode concluir pelos versos 51 e 52 da referida elegia:

«Non ego iam tecum Mondae spatiabor ad undas
Amplius? Aut uersus promet uterque suos?»

(Já não passearei mais contigo, junto às águas do Mondego?
Nem recitará, cada um de nós, os seus versos?)

⁴⁰ Cf. *ibid.*, p. 14.

⁴¹ Cf. *ibid.* pp. 12-13. Para mais dados sobre Inácio de Moraes, veja-se A. Pedrosa Campos, *Um luminar na Universidade de Coimbra no séc. XVI. A obra desconhecida de Inácio de Moraes*, Coimbra, 1960, (tese policopiada).

e pelos dois epigramas de António de Cabedo dedicados a Inácio de Moraes, publicados no *Corpus*, pp. 493-494 e no *De antiquitatibus*, 1597, p. 559.

A elegia de Inácio de Moraes não deixa dúvidas de que o António de Cabedo — poeta — é o irmão de Miguel de Cabedo e não o seu filho, pois sabe-se que este morreu juntamente com seu irmão Manuel na Itália como Cavaleiros da Ordem de Malta⁴² e, para além disso, não há provas de que o António, filho de Miguel, tenha passado pela Universidade de Coimbra, ao contrário do que acontece, como vimos, em relação ao irmão de Miguel de Cabedo.

Segundo a inscrição transcrita no manuscrito 1311 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, fl. 108:

«É esta sepultura de Miguel de Cabedo e de dona
lianor pinr^a devasconcellos sua mulher da qual
lhe fes merse elRei Sebastião p^a ele e todos
os seus disendentes.

E para ella mandou tresladar os ossos de seu pai
e maj Jorge de Cabedo Etareja pinr^a Ede seus irmãos
manoel de Cabedo di^o de Cabedo ant^o de Cabedo E de
sua irmam dona lianor mulher q foi de João Gomes de
Lemos Sor da trofa.»

os restos mortais de António de Cabedo encontram-se na sepultura dos Cabedos, em Santa Maria da Graça de Setúbal. O Professor Américo da Costa Ramalho considera, com razão, que o segundo parágrafo deste texto não deve pertencer ao epitáfio⁴³.

Estes foram os dados que pudemos coligir a respeito da biografia de António de Cabedo, irmão de Miguel de Cabedo.

A OBRA LITERÁRIA

Analisemos agora a obra literária de António de Cabedo, tentando esclarecer algumas das dúvidas existentes quanto à sua autoria.

⁴² Cf. Ms. 7881/2 da Biblioteca Municipal de Setúbal, *Nobiliário d'algũas Famílias Portuguezas*, p. 947 onde se pode ler: «Ant^o de Cabedo Maltez morreo em Palermo onde tinha entretinim na companhia de Gl^o de Az^{do} também Maltez em cuja caza morreo».

⁴³ Cf. *art. cit.*, pp. 14-15.

Na carta ⁴⁴ que Antônio de Cabedo escreve ao seu tio D. Gonçalo Pinheiro e na qual exprime a sua grande dívida para com ele, por tudo o que ele fez por si e pelos seus irmãos, o poeta refere-se à morte do príncipe D. João como tendo sido:

«publicam calamitatem, sic enim immaturum tanti
Principis obitum non immerito appellari posse arbitror.»

(uma desgraça pública, com efeito, julgo poder chamar-se assim, não sem razão, a morte prematura de um tão grande príncipe.)

Trata-se de uma evidente referência a um acontecimento recente, referência que, na opinião do Doutor Carlos Tannus, com a qual concordamos, seria claramente anacrônica se fosse colocada 10 ou 15 anos depois, na suposta pena do filho de Miguel de Cabedo ⁴⁵.

Note-se que no momento deste fatídico acontecimento, 2 de Janeiro de 1554, Antônio de Cabedo, filho de Miguel, não poderia ter mais de 5 anos, pois sabemos que Miguel de Cabedo só casou com Leonor Pinheiro de Vasconcelos, sua prima e irmã de Diogo Mendes de Vasconcelos, depois de ter regressado a Portugal, isto é, depois de Outubro de 1548, altura em que chegou a Lisboa (cf. «Vita Iacobi Menoetii», fl. 4). Deste casamento nasceram 7 filhos ⁴⁶: Jorge de Cabedo de Vasconcelos, Gonçalo Mendes de Vasconcelos, João Mendes de Vasconcelos, Manuel de Cabedo de Vasconcelos, Antônio de Cabedo Vasconcelos, Teresa de Vasconcelos e Soror Brites ⁴⁷.

Refira-se ainda que em 1554 o filho de Miguel de Cabedo, Antônio, poderia ter 5 anos caso fosse o primogénito; no entanto sabe-se que o primogénito foi Jorge e o segundo foi Gonçalo ⁴⁸. Antônio, nas genealogias, aparece ora em terceiro, ora em quinto lugar, o que nos permite concluir que em 1554 ele poderia ter, no máximo, 3 anos.

O «Epicédio à morte do príncipe D. João de Portugal» — *In interitum D. Ioannis Lusitaniae principis epicedium* — e o «Epicédio aos

⁴⁴ Vd. André de Resende, *op. cit.*, 1597, p. 515.

⁴⁵ Cf. *Um poeta latino do século XVI: Antônio de Cabedo*, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1988, p. 73. (Tese policopiada).

⁴⁶ Cf. «Vita Clarissimi uiri Michaelis Cabedii senatoris regii», *op. cit.*, pp. 398-399.

⁴⁷ Cf. Ms 1311 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, p. 25b v e 61v; Ms 660 da mesma Biblioteca p. 215.

⁴⁸ Cf. «Vita Clarissimi uiri Michaelis Cabedii senatoris regii», *op. cit.*, p. 399.

soldados mortos em Ceuta» — *Epicedium in milites ad Septam occisos* ⁴⁹ referem-se, também eles, a acontecimentos contemporâneos. Assim, no primeiro, o poeta alude às condições do tempo em Coimbra, por ocasião da morte do príncipe:

«..... tantoque cadente
 Principe, non dubiis terrebant numina monstros
 Attonitas hominum mentes, nostrisque uacarunt
 Uenturis prius astra malis, atque omnia certas
 Turbarunt elementa uices. Quid fulmina toto
 Commemorem dimissa polo? tot millia nunquam
 Crediderim torsisse Iouem, cum Phlegra deorum
 Armauit saeuos in bella nefanda gigantes.
 Ipsa caput quondam regni, domus unica regum
 Infensos experta deos Conimbrica, missos
 Nusquam alias plures ex aethere pertulit ignes.» ⁵⁰

(E enquanto perecia tão importante Príncipe, as divindades aterravam com prodígios não dúbios as mentes atónitas dos homens; os astros já antes se tinham consagrado aos males que nos haviam de vir e todos os elementos perturbaram as suas sucessões certas. Por que razão recordarei os raios lançados de todo o céu? É que eu nunca poderia crer que Júpiter tivesse lançado tantos milhares quando Flegra armou os cruéis gigantes para a nefanda guerra dos deuses. A própria Coimbra, outrora capital do Reino, insigne morada dos reis, experimentando os deuses hostis, em nenhuma outra ocasião sofreu um maior número de raios enviados do céu.)

Há ainda alusão à peste que grassou na região do Vouga, região onde se encontra a Trofa, de cuja igreja António de Cabedo foi, como vimos, prior:

«..... quid nunc
 Aeris infectos tractus, hominumque uagatam
 Ingenti cum strage luem, qua Vacca profundo
 Redditur, et domino summittit flumina ponto?» ⁵¹

⁴⁹ André de Resende, *op. cit.*, 1597, pp. 516-531. Estes dois epicédios foram traduzidos e comentados por Carlos Tannus, *op. cit.*, pp. 91-213.

⁵⁰ André de Resende, *op. cit.*, 1597, pp. 517-518, vv. 46-56.

⁵¹ *Ibid.*, p. 518, vv. 61-64.

(Para que cantarei agora os lugares contaminados do ar e a peste que grassou, com enorme mortandade de homens, por onde o Vouga volta ao mar imenso e submete a sua corrente ao mar soberano?)

Recorda também, ainda horrorizado, o sacrilégio cometido por um comerciante inglês na capela do paço real em 11 de Dezembro de 1552 ⁵²:

«Horret adhuc animus, maestoque in pectore mentem
Attonitam subit illa dies, cum tacta profana
Sacra manu, uerumque et non uiolabile Christi
Corpus ab infando lacerum tulit aula Britanno.» ⁵³

(Horroriza-se ainda o meu espírito, e no meu coração desolado, vem-me ao pensamento atónito aquele dia em que, tocadas as coisas sagradas com mão profana, a corte suportou que o verdadeiro e inviolável corpo de Cristo, fosse mutilado pelo sacrilégio inglês.)

Podem ainda encontrar-se referências, marcadas pela emoção de um contemporâneo, a vários acontecimentos no Ultramar, nomeadamente ao abandono de algumas praças africanas por D. João III, e ainda aos ataques de que era alvo Ormuz por parte dos turcos:

«.....o si tibi fata parentis
Donassent aequare dies, non Africa nostris
Laetata exuiis, pia Lusi impune tulisset
Signa diu ratibusque obsessam barbarus Ormum
Turca olim toto lueret deiectus Eoo.» ⁵⁴

(Oh! Se os destinos te tivessem concedido iguares os dias de teu pai, a África, não se alegrando com os nossos despojos, teria deixado durante muito tempo impunes as piedosas insígnias de Luso e, o Turco bárbaro, derrubado em todo o Oriente, resgataria um dia Ormuz sitiada pelas nossa naus.)

⁵² Cf. A. Costa Ramalho, *art. cit.*, p. 5. Para a descrição dos acontecimentos que se seguiram, tais como o processo e a condenação do inglês, vd. Ch. M. de Witte, *La correspondance des premiers nonces permanents au Portugal (1532-1553)*, Lisboa, Academia Portuguesa de história, 1980, vol. II, pp. 725-731.

⁵³ André de Resende, *op. cit.*, 1597, p. 518, vv. 75-78.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 520, vv. 135-139.

Nos versos 201-205, o poeta pede ao príncipe morto que venha consolar a sua mulher, a princesa D. Joana. Estes versos deixam transparecer uma emoção própria de alguém que sentiu profundamente o acontecimento:

«Da breue solamen miserae, da mentis inanem
Laetitiā, prohibe lacrymas, blandoque soporem
Alloquio refoue, te uiuere cogitet illa
Et periisse neget, tantique oblita doloris
Transigat optatas dulci sub imagine noctes.»⁵⁵

(Dá um breve consolo à infeliz, dá-lhe a vã alegria da lembrança, afasta as suas lágrimas, e, com palavras meigas, reanima o seu desânimo; que ela pense que tu vives e negue que pereceste e, esquecida de tão grande dor, passe agradáveis noites com a tua doce imagem.)

O *Epicedium in milites ad Septam occisos* trata do desastre ocorrido em Ceuta em 18 de Abril de 1553, em que pereceram trezentos e sete soldados portugueses, entre eles D. Pedro de Meneses, capitão da cidade e o seu sobrinho, D. António de Noronha, jovem de 17 anos⁵⁶, filho de Francisco de Noronha, com quem António de Cabedo viajou para Portugal em 1548, juntamente com o seu tio D. Gonçalo⁵⁷.

Não há dúvida de que estes dois epicedios foram escritos por alguém que viveu com emoção os dois desastres para Portugal — a morte em 2 de Janeiro de 1554 do príncipe D. João, herdeiro da coroa portuguesa, que deixou a princesa D. Joana grávida daquele que viria a ser o rei D. Sebastião e que nasceu em 20 de Janeiro do mesmo ano; e o desastre de Ceuta, tornado mais dramático pela morte do jovem António de Noronha, enviado para África pelo pai, para esquecer uns amores contrariados⁵⁸.

Nunca, por uma questão de idade, o filho de Miguel de Cabedo poderia ter vivido estes acontecimentos com a emoção que transparece destes dois poemas.

Na carta que antecede o poema *Fontellum*, dirigida a D. Gonçalo Pinheiro, António de Cabedo faz de novo referência a factos contem-

⁵⁵ *Ibid.*, p. 522.

⁵⁶ Vd. Carlos Tannus, *op. cit.*, p. 174.

⁵⁷ Cf. Mário Brandão, *op. cit.*, 1948, vol. I, p. 380.

⁵⁸ Cf. A. Costa Ramalho, *art. cit.*, p. 6.

porâneos tais como a sua passagem pelo Fontelo num momento em que ele se encontrava em mau estado de conservação. Esta visita ao Fontelo deve ter acontecido nos princípios de 1553. Nesta mesma carta, refere ainda que, algum tempo depois, teve notícias de que a quinta do Fontelo já havia sido restaurada:

«Cum superiori anno in speluncam Deiparae Virgini consecratam, (uulgo de Lapa uocant) ex uoto, cui iam diu me astrinxeram, proficiscerer, diuerti, domine, apud tuos in Fontellum, sic enim incolae uocant amoenissimam et, meo quidem iudicio, pulcherrimam uillam. Quamquam multa ex parte incuria et negligentia hominum incultam et deformem tunc dicerent, qui aliquando florentem uigentemque uiderant.» ⁵⁹

(Como no ano passado eu partisse para a gruta consagrada à Virgem Mãe de Deus, (vulgarmente chamada da Lapa), em cumprimento de um voto, ao qual já há muito tempo eu me tinha comprometido, fiz um desvio, senhor, para junto dos teus, no Fontelo — assim, na verdade, chamam os habitantes a uma muito agradável e, segundo a minha opinião, muito bonita quinta de recreio; embora aqueles que um dia a tinham visto florescente e verdejante dissessem que neste momento estava feia e abandonada, em parte por causa da muita incúria e negligência dos homens.)

«Absurdum enim mihi uisum est, in eo statu uillam celebrare, qui non omni ex parte perfectissimus esset, praesertim cum plurimi essent qui talem uidissent, et ego talem et multo etiam perfectiorem breui sperarem. Nec opinione mea deceptus sum, nam et multa correctae, et pleraque in melius mutata audio.» ⁶⁰

(Realmente pareceu-me absurdo celebrar a quinta de recreio num estado que não fosse o mais perfeito, sobretudo porque havia muitos que a tinham visto em tal estado e eu também esperava vê-la em breve muito mais perfeita. Não fui iludido na minha expectativa, pois ouço dizer que não só foi muito melhorada mas que também foi várias vezes mudada para melhor.)

Sendo assim, esta carta deve poder datar-se de 1554, numa altura em que D. Gonçalo Pinheiro já estaria em Viseu, mas provavelmente

⁵⁹ André de Resende, *op. cit.*, 1597, pp. 531-532.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 533.

ainda não há muito tempo. Estas datas excluem a hipótese de António de Cabedo, filho de Miguel, ser o autor desta carta e do poema *Fontellum*, pois nesta altura ele teria, como vimos, no máximo 3 anos.

Um outro poema que contribui para a identificação do autor das poesias publicadas em nome de António de Cabedo no *Corpus* e no *De antiquitatibus*, 1597, é o poema intitulado *In funere Emmanuelis de Cabedo Lachrymae*⁶¹ que não deixa dúvidas de que o Manuel a quem o poema é dedicado é o irmão de Miguel e de António e não o filho de Miguel:

«Heu crudele nefas, heu importuna, nec umquam
Inuida mors ulli, nec uiolenta magis.
Ante diem nobis florentibus occidit annis,
Spes ingens nostri sanguinis Emanuel.
Emanuel mihi mente parens, et sanguine frater,
Subsidium uitae praesidiumque meae
Ille uices, animumque Patris, post fata parentis
Continuo, curas gesserat ille pias.»

(Ó cruel crime, ó morte tirana, nunca mais invejosa nem mais violenta para alguém. Manuel, grande esperança da nossa família, morreu-nos antes do dia, na flor da idade. Manuel foi para mim um pai pelo carácter e um irmão pelo sangue e foi sustento e guarda da minha vida. Depois da morte do meu pai, deu-me, sem cessar, ternos cuidados, no lugar e com espírito de pai.)

Não há dúvidas de que o poeta nos diz que Manuel foi para ele um segundo pai depois da morte do pai de ambos; isto compreende-se tendo em conta a diferença de idades entre Manuel, que morreu com 40 anos e que deveria ser o mais velho, e António que, como sabemos, morreria com 25 anos. Esta diferença de idades não seria possível entre os dois filhos de Miguel, pois muito provavelmente António seria mais velho do que Manuel, mas mesmo que assim não fosse, não seria Manuel o mais velho mas sim Jorge, logo seguido de Gonçalo⁶².

⁶¹ In *Corpus*, pp. 495-497. Este poema, na edição de 1597 do *De antiquitatibus*, pp. 561-563, apresenta uma pequena introdução intitulada *Emmanueli Cabedio charissimo et amantissimo fratri posuit. Antonius Cabedius*, onde António de Cabedo nos informa que o seu irmão faleceu mal tinha 40 anos:

«uix annum quadragesimum agentem mors eripuit»

o poema propriamente dito está, nesta edição, intitulado *Lacrymae*.

⁶² Cf. «Vita Clarissimi Viri Michaelis Cabedii», *op. cit.*, p. 399.

Além disso, sabe-se que António e Manuel, filhos de Miguel de Cabedo, morreram ambos em Itália, para onde tinham ido como Cavaleiros de Malta, o primeiro em Palermo, o segundo a caminho de Nápoles «com suspeita de peçonha»⁶³. Ora o primeiro dístico do poema diz-nos claramente que Manuel morreu de morte violenta, ao contrário do que aconteceu com o filho de Miguel. Essa mesma ideia está presente quer no manuscrito 7881/2 de Setúbal, que nos indica o local da sua morte, quer no manuscrito 660 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra⁶⁴. Note-se ainda que o próprio António de Cabedo nos diz num epigrama que o seu irmão Manuel está enterrado no mesmo sepulcro que o seu pai:

«Emanuel, quem saeua mihi mors abstulit, et nunc
Frigida dilecto cum patre uelat humus.»⁶⁵

(Manuel que a cruel morte me arrancou e que agora a terra fria cobre juntamente com o pai querido.)

De todos estes dados pode concluir-se que o Manuel referido nestes poemas é o irmão de Miguel de Cabedo e o autor dos mesmos é indubitavelmente o António de Cabedo irmão de Miguel e não o seu filho.

Também noutros poemas podemos encontrar argumentos que ajudam a reforçar a tese de que o autor dos poemas publicados sob o nome de António de Cabedo no *De antiquitatibus*, 1597, e no *Corpus* é, de facto, o irmão de Miguel e não o seu filho. É o caso de:

— *Ad Cetobrigam Patriam suam, Carmen*⁶⁶

— *Ioanni III Lusitanorum Regi*⁶⁷

— *De Conimbrica. Epigramma*⁶⁸

⁶³ Cf. Ms. 7881/2 da Biblioteca Municipal de Setúbal, p. 947.

⁶⁴ O ms. 7881/2, na p. 945 diz: «Manoel de Cabedo q matarão na ponte da Qta nova da Vde setual porlhe ocupar cõ a m^{er} acaza ao matador.» O ms. 660 na p. 215 diz: «M^el de Cabedo q matarão.»

⁶⁵ André de resende, *op. cit.*, 1597, p. 565.

⁶⁶ Este é o título que o poema apresenta no *Corpus*, p. 500, pois no *De antiquitatibus*, 1597, p. 571, aparece como título: «Antonii Cabedii Lusitani Carmen, ad Cetobricam Patriam suam». Este poema foi traduzido e comentado pelo Professor Américo da Costa Ramalho, *art. cit.*, pp. 9-10.

⁶⁷ André de Resende, *op. cit.*, 1597, p. 574.

⁶⁸ *Corpus*, pp. 503-504. Na edição de 1597 aparece apenas com o título «De Conimbrica». Este poema foi traduzido pelo Professor Américo da Costa Ramalho, *art. cit.*, pp. 11-12.

No primeiro, dedicado a Setúbal, sua terra natal, o poeta faz referência ao fim de mais um ano de estudos em Coimbra, e à alegria com que regressa a casa após um ano de trabalho. Ora, como já referimos atrás, não há qualquer documento que nos prove que o filho de Miguel de Cabedo tenha passado por Coimbra, ao contrário do que acontece com o seu irmão.

O segundo é dedicado a D. João III que reinava ainda no momento em que o poema foi escrito. Tendo em conta que D. João III faleceu em 11 de Junho de 1557, somos levados a concluir que este poema terá sido escrito antes desta data, o que impossibilita, mais uma vez por razões cronológicas, que o seu autor tenha sido António de Cabedo, filho de Miguel.

No terceiro destes poemas, dedicado a Coimbra, há, como viu o Professor A. Costa Ramalho, a referência, com todo o ar de contemporaneidade, a Inácio de Moraes ⁶⁹. De facto o poeta alude ao *Conimbricae Encomium* de Inácio de Moraes, publicado em 1554, o que é mais um argumento a favor de António, irmão de Miguel.

Em relação ao poema *Sanctae Isabellae Reginae Antonii Cabedii Carmen* ⁷⁰, não há qualquer dúvida sobre a sua autoria, pois Jorge de Cabedo, filho de Miguel de Cabedo, no *De Patronatibus Ecclesiarum Regiae Coronae Regni Lusitaniae*, p. 77 afirma claramente que foi composto pelo seu tio António de Cabedo:

«Libet autem hic ponere carmina quaedam in laudem huius Sanctae, composita a patruo meo Antonio de Cabedo, uiro summi ingenii, et in carminibus componendis apprime docto.»

(Agrada-me também publicar aqui alguns versos em louvor desta Santa, compostos pelo meu tio António de Cabedo, homem de grande talento, e sobretudo douto na composição de poemas.)

e transcreve o poema na página 78.

Também a António de Cabedo, irmão de Miguel, tem de atribuir-se a autoria do poema *Labor omnia uincit* ⁷¹. De facto, os dois versos e

⁶⁹ *Ibid.*, p. 12.

⁷⁰ André de resende, *op. cit.*, 1597, pp. 566-567. Na edição do *Corpus*, p. 499, este poema tem o título «Sanctae Isabellae Reginae Carmen».

⁷¹ André de Resende, *op. cit.*, 1597, pp. 542-546.

meio finais deste poema são exactamente iguais aos dois versos e meio finais do *Epicedium in milites ad Septam occisos*, poema em relação ao qual, como vimos, não parece haver dúvidas quanto ao seu autor:

«..... miseri tot saecula diros
Gottorum tulimus fastus, intraque penates
Sexcentos dominum Maurum tolerauimus annos.»

(..... Pobres de nós! Suportámos durante tantos séculos os cruéis desdêns dos godos, e tolerámos dentro dos nossos lares, durante seiscentos anos o mouro dominador.)

Ainda do poema *Labor omnia uincit*, os versos 65-66:

«Quaesitas Antaei arces, nunc Marte sine ullo
Possidet imbellis (proh Lusi dedecus) hostis.»

(Agora (oh! vergonha de Luso) o inimigo fraco possui, sem guerra alguma, as cidades de Anteu conquistadas por nós.)

são, também eles, semelhantes aos versos 160-162 do epicédio *In interitum D Ioannis Lusitaniae Principis*:

«..... quoties sine Marte, sine ullo
Sanguine, quaesitas tantis sudoribus olim
Barbarus intrasset (Lusi proh dedecus) arces?»

(..... Quantas vezes sem guerra, sem sangue algum, o bárbaro entraria, (oh! vergonha de Luso) nas cidades outrora conquistadas com tanto suor.)

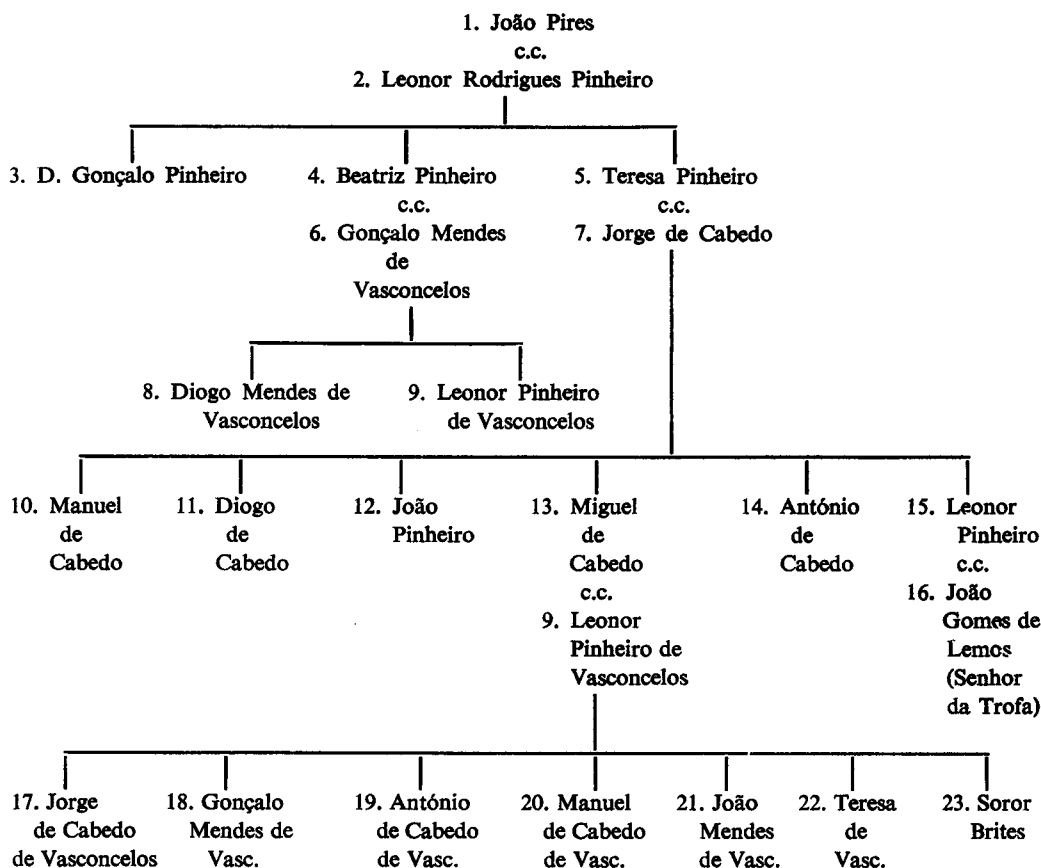
Parece-nos evidente que se deve concluir que o autor dos dois epicédios é também o autor do poema *Labor omnia uincit*, ou seja, António de Cabedo, irmão de Miguel de Cabedo.

Apresentados todos estes argumentos e, tendo em conta as semelhanças de vocabulário, de sintaxe, e mesmo de estruturação de versos, não nos parece que restem grandes dúvidas sobre a autoria dos poemas publicados sob o nome de António de Cabedo no *De antiquitatibus*, 1597,

pp. 515-576, e no *Corpus*, pp. 449-504 — o seu autor é António de Cabedo, filho de Jorge de Cabedo e de Teresa Pinheiro.

Depois de tudo o que acabámos de ver a respeito de António de Cabedo, temos de concluir que a *Vita* de António de Cabedo apresentada no *Corpus* e a biografia escrita por Barbosa Machado apresentam uma sobreposição de vidas. De facto, a vida que ambos os biógrafos relatam, de forma claramente encomiástica, é a do irmão de Miguel de Cabedo e não a do seu filho.

SINOPSE DOS PINHEIROS — CABEDOS — VASCONCELOS



Nota: Esta sinopse apenas inclui os que são referidos no artigo. A ordem de nascimento é, em alguns casos, duvidosa.